

16

FORMA BREVE

REVISTA DE LITERATURA

ARCA DE NOÉ:
CATÁSTROFE
E REDENÇÃO



FORMA BREVE

16

REVISTA DE LITERATURA

Arca de Noé:
Catástrofe e Redenção

A revista FORMA BREVE
está indexada na Qualis CAPES

2019/2020

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

FORMA BREVE 16

Arca de Noé: Catástrofe e Redenção

EDITOR-CHEFE

António Manuel Ferreira (antonio@ua.pt)

EDITORES ASSOCIADOS

Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lúcia Coimbra

COORDENAÇÃO DESTE NÚMERO

António Manuel Ferreira, Ana Maria Ramalheira,
Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Maria Hermínia
Amado Laurel, Rosa Lúcia Coimbra

CAPA

Baseada num cartaz de Sofia Almeida

IMPRESSÃO / ACABAMENTO

lusoimpress.com

EDIÇÃO

UA Editora
Universidade de Aveiro

1ª EDIÇÃO

2019/2020

TIRAGEM

350 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL

237587/06

ISSN – 1645-927X

e-ISSN – 2183-4709

CORRESPONDÊNCIA

Forma Breve – Departamento de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro
3810-193 Aveiro
Portugal

ACEITAM-SE PERMUTAS

WE ACCEPT EXCHANGES

Catálogo recomendada

Forma breve. – (2003) –. – Aveiro: Universidade, 2003
– Anual
ISSN 1645-927X: permuta



ÍNDICE

ARCA DE NOÉ: CATÁSTROFE E REDENÇÃO

- As anti-arcas de Noé da colonização: o *Diário da navegação*, de Pero Lopes de Sousa 13
Virgínia Boechat
- Um Coleccionador de Milagres: A Obra do Padre Conceição Vieira 23
Manuel Curado
- Afigurações do sagrado e do profano na obra de João Pedro Oliveira a partir do Livro do Apocalipse e da poesia de Antero de Quental 45
Helena Maria da Silva Santana & Maria do Rosário da Silva Santana
- “Catástrofe” anunciada: os últimos dias de um regime opressor e os exilados políticos portugueses no Brasil 63
Elisabeth Battista
- Os que sucumbem e os que se salvam: aproximações ao Holocausto em Alves Redol 71
Luís Pimenta Lopes
- Inventar *uma outra eternidade*: leituras de Pentecosteia em Vasco Graça Moura e Hélia Correia 89
Sandra Sousa

Mediterrâneo – entre a memória, o apocalipse e a esperança: a poesia de Ana Luísa Amaral	99
José Cândido de Oliveira Martins	
<i>O Recado do Morro</i> : profecia e redenção	111
Ana Paula Pinto	
Catástrofe iminente: uma análise de <i>A mulher sem pecado</i> , de Nelson Rodrigues	123
Claudiomar Pedro da Silva & Agnaldo Rodrigues da Silva	
Ironia, ganância e história dos tempos bíblicos aos modernos – uma leitura de “Na arca”, de Machado de Assis	131
Tiago Marcenés Ferreira da Silva	
Um atlas (re)desenhado pelo acontecimento de nomeação: Mato Grosso e seus municípios na construção de uma arca	141
Taisir Mahmudo Karim & Ana Maria Di Renzo	
Afinidades efetivas entre <i>Caderno de um ausente</i> , novela de João Anzanello Carrascoza e o bíblico	157
Luiz Gonzaga Marchezan	
Árvores companheiras de homens	167
Maria do Céu Fialho	
Náufragos em busca de porto seguro: os episódios de Licas e de Crotona no <i>Satyricon</i> de Petrónio	173
Delfim F. Leão	
Ascensão e queda de Élio Sejano: modos de dizer a catástrofe nos <i>Annales</i> de Tácito	183
Maria Cristina Pimentel	
<i>Vivus per ora uirum</i> , mas também <i>per faciles buxos</i> : sobreviver ao dilúvio do esquecimento segundo Marcial	199
Maria José Ferreira Lopes	
Catástrofe e redenção em “De aquel viejo dolor”, de Teresa Lamas	211
Ignacio Roldán Martínez	

“Tem calma! O barco é grande!” A reinvenção do dilúvio em 2012, de Roland Emmerich	227
João de Mancelos	
<i>O Ano do Dilúvio</i> , de Margaret Atwood: a humanidade numa perspetiva ecocrítica	235
Maria do Carmo Mendes	
Mulheres ao tear: Tradição grega em Marina Colasanti	241
Maria de Fátima Silva	
De la Eva bíblica a la salvaje enajenada. Mito y prejuicio en <i>Jane Eyre</i> y <i>Wide Sargasso Sea</i>	253
Mireya Fernández Merino	
Agua y fuego: destrucción y resurrección en el teatro del exilio español de 1939	267
M ^a Teresa Santa María Fernández	
Mundo apocalíptico: Daniel Paul Schreber	281
Natalia Luiza Carneiro Lopes Acioly & Francisco Acioly de Lucena Neto	
Em busca de novas Arcas de Noé: redenção e devoção à luz da literatura de espiritualidade na Península Ibérica (séculos XVII–XVIII)	295
Paula Almeida Mendes	
Eucatastrophe and the Redemption in J. R. R. Tolkien’s <i>The Silmarillion</i>	307
Rodrigo Ramos	
Um estudo sobre a tradução portuguesa da obra “As Rãs” de Mo Yan sob a perspetiva da ecocrítica	317
Zhihua Hu & Maria Teresa Roberto	
“But Noah found favor in the sight of YHWH” (Genesis 6,8). The Biblical Noah in Context	331
Hans Ausloos	
As Águas e o Seco: um Ensaio sobre Redenção e Salvação de Israel na Bíblia Hebraica.	345
Suzana Chwartz	

Inmortalización y adivinación en la llamada ‘liturgia de Mitra’ (PGM IV 475-820)	353
Emilio Suárez de la Torre	
A Arca de Noé em Bíblias de Estudo brasileiras: recepção e formação de leitores.	373
João Leonel	
La historia de <i>Nūḥ</i> (Noé) en textos aljamiado-moriscos	389
Juan C. Busto Cortina	
O itinerário catastrófico de <i>Um homem: Klaus Klump</i>	401
Kim Amaral Bueno	
El mito del diluvio en la lógica del premio y el castigo: fiesta punitiva, sufrimiento y memoria. El caso de Deucalión	407
María Cecilia Colombani	
El Día del Juicio y sus señales en la literatura aljamiado-morisca y el islam popular	419
Mohanad Amer Kadhim Al-Ojaimi	
Diálogo inter-religioso e direitos humanos: desafios latino-americanos	435
Alonso Gonçalves	

Viuus per ora uirum, mas também *per faciles buxos*: sobreviver ao dilúvio do esquecimento segundo Marcial*

Viuus per ora uirum, but also *per faciles buxos*: surviving the deluge of oblivion, according to Martial

Maria José Ferreira Lopes

Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais,
Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Portugal
mjlopes@ucp.pt

Palavras-chave: Marcial, epigramas, imortalidade, memória, *Monimenta doloris*, metamorfose.
Keywords: Martial, epigrams, immortality, memory, *Monimenta doloris*, metamorphosis.

*Vltima semper exspectanda dies hominis*¹

Viver na Roma do século I implicava confrontar-se permanentemente com a frágil mortalidade do ser humano: a vida era acidentada, difícil e curta; a morte, uma evidência quotidiana e omnipresente.

A encenação pública da violência e da morte – seja esta imposta ou natural – é aliás algo que sobressai da experiência romana, tendo por clímax as execuções integradas em representações como o mimo *Laureolus*, nos antípodas da discrição típica da tragédia grega. Marcial assevera (*de Spectaculis*, 9, 12) que, deste modo, *quae fuerat fabula, poena fuit* – “o que havia sido fábula em punição real se tornou”² –, passando a castigo merecido – *supplicium dignum* – para cri-

* Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) UID/FIL/00683/2019, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

¹ É com a perifrástica passiva e o verbo *debere* – expressões de obrigação e necessidade – que Ovídio (*Metamorfoses*, 3, 135-137) expõe a suma fragilidade da vida humana: ... *sed scilicet vltima semper/exspectanda dies hominis, dicitur beatus/ ante obitum nemo supremaque funera debet*. “Mas é bem certo que o último dia de um homem deve sempre ser aguardado, e ninguém deve ser dito feliz antes da morte e das derradeiras exéquias.”, tradução de Paulo Farmhouse Alberto (2014).

² As traduções de epigramas de Marcial pertencem à edição MARCIAL (2000-2004), Epigramas, trad. Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, introd. e notas de Cristina

mes horrendos como o parricídio³. Paralelamente, a morte violenta de grandes personalidades, como César ou Cícero, foi objecto de elaborações literárias que se tornaram memórias culturais.

O suicídio era com frequência acompanhado de uma encenação mitificante, enquadrada pelo conceito de *bona* ou *romana mors*, em que convergiam as virtudes tradicionais e a ética estoica. Assumida por doentes graves, como Sílio Itálico⁴, esta morte voluntária celebrizou-se sobretudo como acto de resistência contra a opressão, graças aos relatos de historiadores e poetas e seu impacto na posteridade. No contexto politicamente violento do século I, recorde-se a exemplaridade trágica dos suicídios de Séneca ou Árria Maior⁵; e o requinte festivo e irónico do de Petrónio, que incluiu a leitura de *fabulae* satíricas⁶.

Também a morte por causas naturais era rodeada de teatralidade e implicava um profundo impacte social. O cruzamento do *priuatus* com o *publicus* era patente nos rituais do óbito, do funeral e da sepultura⁷. A *pompa funebris* dos mais privilegiados, ao expor ao olhar e aos ouvidos dos concidadãos o rosto e os feitos do falecido e dos antepassados – cujas máscaras fúnebres eram exibidas nos *atria* –, celebrava e actualizava a memória da pertença à família e à coisa pública, assim sublinhando a dimensão identitária da morte. A tradição de construir sepulcros ao longo das estradas e noutros locais frequentados pelo público demonstra

de Sousa Pimentel, 4 vols. Lisboa: Edições 70. O original latino foi consultado na base de dados *Itinera Electronica* (http://agora.class.fltr.ucl.ac.be/concordances/Martial_epigrammes), com algumas diferenças no âmbito da numeração.

- ³ Assinale-se que o poeta explora ostensivamente o contraste simbólico entre facto e ficção presente na encenação realista do epílogo de *Laureolus*: principia o epigrama comparando o suplício de Prometeu, “à cítia fraga agrilhado” – *Qualiter in Scythica religatus rupe Prometheus* (v. 1) –, com a “cruz não falsa” do condenado *ad bestias – non falsa pendens in cruce Laureolus* (v. 4).
- ⁴ Figura notável, contemporânea de Marcial e por ele lembrada a propósito dos túmulos de Cícero e Virgílio (*Epigramas*, 11, 48 e 50), o seu poema sobre a segunda guerra púnica enuncia um famoso elogio do suicídio: *nullo nos inuida tanto/ armauit Natura bono, quam ianua mortis/ quod patet et uita non aequa exire* (*Punica*, 11, 186-88). Perante uma doença incurável e já muito idoso, Sílio deixou-se morrer por inanição c. 101, como relata Plínio, o Jovem, na sua correspondência (3,7). Marcial descreve um caso destes a propósito da morte de Festo (*Epigramas*, 1, 78), referindo outros métodos, aparentemente menos “romanos”: “Pois que uma doença contagiosa injustamente lhe oprimia a garganta,/ e a negra infecção se estendia para o rosto,/ animando ele próprio, de rosto enxuto, os amigos em pranto,/ Festo decidiu encaminhar-se para os lagos estígiolos./ Não desfigurou o virtuoso rosto com um secreto veneno,/ ou distorceu os funestos fados com uma lenta fome,/ mas, com uma morte à romana, terminou a honesta vida [*Sanctam Romana uitam sed morte peregit*]/ e abandonou a alma na mais nobre pira.”
- ⁵ Os trechos perpetuadores da memória são, respectivamente, de Tácito (*Annales*, 15, 60-64) e Plínio, o Jovem (*Cartas*, 3, 16).
- ⁶ De novo, Tácito é o fautor da imortalização do relato (*Annales*, 16, 19).
- ⁷ Marcial refere o ritual do fechar os olhos do defunto num dos seus epigramas-epitáfios (10, 63), em que uma virtuosa matrona salienta, entre os grandes feitos da sua longa existência, ter conseguido que todos os seus filhos lhe sobrevivessem: “Deu-me Juno cinco rapazes, e outras tantas raparigas:/ todas as suas mãos cerraram os meus olhos.” (vv. 5-6) A importância de actos, pessoais mas também públicos, como chorar e queimar incenso junto do corpo do falecido, é frisada em vários epigramas, nomeadamente 10, 26, sobre o centurião Varo, falecido inesperadamente no Egipto, de que nos ocuparemos mais adiante.

precisamente a insistência neste propósito de os mortos buscarem o olhar dos vivos, e estes os recordarem⁸.

Como assinala Claire Béchec (2013, p. 135), a memória dos mortos desempenhava um papel essencial na identidade dos vivos:

La *memoria* est particulièrement importante à Rome, car elle répond au besoin de s'enraciner dans une tradition et un passé: elle vise à rattacher le monde des vivants à la chaîne des disparus et constitue le lien concret entre les deux communautés. Propriété de chaque âme individuelle, elle est elle-même l'âme de la société dans une connaissance du passé. La *memoria* est donc ce qui permet à l'individu comme à la société de maintenir une cohésion, une tension entre ses parties, unies dans la conscience qu'il existe autre chose.

Contudo, este convívio próximo e frequente com a morte não exorcizava a angústia da espera, do aniquilamento, e da incerteza do depois – o *metus (meae) mortalitatis*, na expressão de Quintiliano (*Institutio Oratoriae*, 6, 0, 1); nem obliterava o choque da perda, sobretudo no contexto da *iniusta mors* de parturientes, crianças e jovens, que o trágico infortúnio do grande professor de retórica exemplifica⁹. O florescimento então vivido pelos cultos místéricos que prometiam a salvação – com o Cristianismo nascente a ocupar lugar de destaque –, e por certas escolas filosóficas radica nesse *metus mortalitatis* (Green, 2000, pp. 78, 84).

Os escritores – e sobretudo os poetas –, porta-vozes lapidares das inquietações do seu tempo, buscavam explicações e soluções, muitas vezes mesclando tradições religiosas populares com elaborações míticas, e teorias filosóficas. Assim ocorre em Virgílio, Cícero e Séneca – autores mencionados com admiração por Marcial –, Lucrécio ou Plínio, o Velho, alguns deles absolutos cépticos em relação à vida depois da morte. Por seu lado, o sumo pragmatismo do direito romano dedicou a sua atenção a todos os pormenores legais (Rodríguez, 2016, p. 28).

Marcial e os *Monimenta doloris*

A morte ocupa um lugar destacado no vasto fresco de “sabor ao humano”¹⁰ da Roma flaviana que Marcial pintou em tons predominantemente satíricos. A brutalidade dos suplícios e da arena é exposta sobretudo, como já se viu, no *Liber de spectaculis*. Ao longo dos restantes 14 livros de epigramas, por vezes sob a forma de epicédio ou epitáfio, o poeta de Bílbilis ergueu, com pequenas peças,

⁸ Este desejo de perpetuar a memória levou Cícero a comentar com Ático o projecto de construir para a sua amada filha Túlia um monumento fúnebre em jardins frequentados pelo público: *Cogito interdum trans Tiberim hortos aliquos parare, et quidem ob hanc causam maxime: nihil enim uideo, quod tam celebre esse possit; sed quos, coram uidebimus; ita tamen ut hac aestate fanum absolutum sit.* (*Ad Atticum*, 12, 19, 1)

⁹ O próprio Quintiliano relata, no prólogo do livro sexto da *Institutio Oratoria*, a perda de toda a sua família (a jovem esposa e os dois filhos) por motivos de doença.

¹⁰ Adaptação do famoso verso *hominem pagina nostra sapit* – “a minha página tem sabor a homem” (10, 4, 10).

um memorial da forma como a sociedade romana de então concebia o acto de morrer, o sepultamento, o medo do além-túmulo, o luto, público e privado, e o desejo de preservar a memória dos entes queridos.

Além de curtas referências, ora críticas, ora elogiosas ao suicídio¹¹, os poemas abordam o impacte da *iniusta mors* de crianças e jovens, a maior prova da impotência humana perante os imponderáveis, as injustiças humanas e os caprichos dos invejosos deuses (10, 53, 3). A dor causada pela perda de seres amados – e que desaconselha os afectos demasiado profundos¹² – transparece dos lamentos emocionados e do vocabulário com que o poeta increpa a inveja cruel das Parcas: *Heu crudele nefas malaeque Parcae!* (sobre a morte do único filho de Salano, 6, 62, 3); com verbos como *inuidere*, *fraudare* e *rapere*; nomes como *crimen*, *facinus*, *scelus*, *rapina*, *nefas*; e adjectivos como *iniquus*, *inmodicus*, *inuidus*, *saeuus*, *laeuus*, *malus*, *brevuis*.

Depois dos ritos fúnebres – momento fundamental no processo da homenagem e do luto, referido por exemplo no caso do incenso e das lágrimas que não puderam ser oferecidos a Camónio Rufo (6,85, 11-12)¹³ –, os restos mortais são guardados num túmulo, erigido num terreno que passa a ser propriedade inviolável e eterna dos Manes do morto: *victrix possidet umbra nemus* – “a sombra vencedora tem a servi-la um bosque”, assevera Marcial lapidarmente, a propósito do general Fusco (6, 76, 6). A pequena Antula é pretexto para reiterar, em dois epigramas (1, 114 e 116), a ligação indestrutível e ciosamente defendida do campo aos seus Manes:

*Hoc nemus aeterno cinerum sacrauit honori
Faenius et culti iugera pulchra soli.
Hoc tegitur cito rapta suis Antulla sepulchro,
Hoc erit Antullae mixtus uterque parens.
Si cupit hunc aliquis, moneo, ne speret agellum:
Perpetuo dominis seruiet iste suis. (1, 116)¹⁴*

Neste epigrama, e no já citado sobre Fusco (6, 76), os verbos usados por Marcial exprimem essa relação em termos claros: às *cineres/umbra* (cinzas/sombra – sujeito) cabe *possidere* (possuir), ao *nemus/agellum* (bosque/campinho – sujeito), *servire/sacrare* (servir, ser consagrado).

¹¹ Além do já citado elogio à *romana mors* de Festo, recorde-se o dístico atacando a motivação do suicídio de Fânio: “não é uma loucura: para não morrer, morrer?” (2, 80, 2).

¹² *Inmodicis brevis est aetas et rara senectus./ Quidquid amas, cupias non placuisse nimis.* – “Breve é o tempo das grandes almas e rara a velhice:/ ao que amares, não desejes que te encante demais” (6, 29, 7-8).

¹³ *Accipe cum fletu maestri breue carmen amici/ atque haec absentis tura fuisse puta* – “Aceita com triste pranto o breve canto de um amigo/ e toma-o qual incenso deste que está ausente”.

¹⁴ “Este pequeno bosque, consagrou-o à eterna homenagem das cinzas/, Fénio, bem como as poucas jeiras de solo cultivado./ Oculta neste túmulo está Antula cedo roubada aos seus, / nele hão-de misturar as suas cinzas a Antula, um e outro, os seus pais./ Se alguém deseja este campo, aconselho-o a perder a esperança:/ este há-de ficar para sempre ao serviço dos seus donos”.

As sucintas referências à morada além-túmulo dos mortos parecem descrever uns *Infera* opressivos e sombrios, de ecos homéricos, embora com aportações virgilianas. Predomina o pavor das *nigras umbras*, rodeadas pelas águas infernais do Estige: *ad Stygias famulus descenderet umbras*, 1, 101, 5; *ad Stygias umbras*, 1, 114, 5; *Stygias domos*, 6, 18, 2; e *ad infernas liber iturus aquas*, 1, 101, 10. Neste local horrendo pontificava o medonho Cérbero, o que leva Marcial a pedir aos seus falecidos pais que protejam a pequena Erócion, *ne nigras horrescat Erotion umbras/oraque Tartarei prodigiosa canis* (5, 34, 3-4). Ainda assim, ocorrem algumas referências às moradas elísias e seus amenos bosques: *Elysias gaudet adisse domos*, 1, 93, 2; *tu colis Elysios nemorisque habitator amoeni*, 9, 51, 5.

Apesar de aparentemente confinadas, as *umbrae* podiam subir à superfície terrestre para reclamar a atenção dos vivos. Estes tinham a obrigação sagrada de cultivar a memória dos mortos, tanto maior no caso dos pais de crianças e jovens, vítimas da subversão da ordem natural das coisas¹⁵. A propósito do sentimento de culpa dos pais por sobreviverem aos filhos, abordado também por Quintiliano¹⁶, Marcial afirma que o propósito da vida deles será apenas honrar os Manes do falecido, como ordena o dístico final do primeiro epigrama sobre Antula (1, 114, 5-6):

Mais justo fora que tivesse sido o pai a descer às sombras estígias.
Já que isso não foi permitido, que ele viva, para venerar os ossos dela¹⁷.

Da parte dos Manes há uma atitude ameaçadora, clarificada noutros versos, em que Marcial segue o modelo da interpelação aos transeuntes típico dos epítáfios: do olhar atento aos dizeres do epítáfio, solicitado pelo pantomimo Páris – “Sejas quem fores, viajante que trilhas a via Flamínia, / não passes ao largo deste mármore ilustre” (11,13, 1-2)¹⁸ –, à terrível ameaça feita aos futuros donos do campo onde jaz a pequena escrava Erócion (10, 61, 3-6):

Tu, quem quer que sejas, que, depois de mim, fores dono deste torrão,
dá, aos seus pequenos manes, o devido tributo.
Assim se não apague teu lar, assim tua família esteja a salvo e o único
motivo de choro seja em teu campo esta pedra.¹⁹

Preservar a memória dos mortos (*ossa colere*) era um acto visto como manifestação fundamental de *pietas* e amizade, uma honra para quem cumpria tal *munus*

¹⁵ Inversamente à culpa e luto obrigado dos vivos perante a *iniusta mors* de crianças e jovens, Marcial considera injusto chorar muito quem muito viveu (10, 71, 8): *Inprobium nihil his fletibus esse potest*.

¹⁶ Por um lado, ele merece de algum modo o sofrimento: *Nemo nisi sua culpa diu dolet*; por outro, a dor que lhe marcará o resto da vida será o castigo de ter sobrevivido aos filhos: *certe patientia uindicet te reliqua mea aetate*. (*Institutio Oratoriae*, 6, 0, 13).

¹⁷ *Ad Stygias aequum fuerat pater isset ut umbras:/ Quod quia non licuit, uiuat, ut ossa colat*.

¹⁸ *Quisquis Flaminiam teris, uiator,/ noli nobile praeterire marmor*.

¹⁹ *Quisquis eris nostri post me regnator agelli,/ Manibus exiguis annua iusta dato:/ Sic lare perpetuo, sic turba sospite solus/ Flebilis in terra sit lapis iste tua*.

(*perpetuo tempore uiuet honor*, 1, 88, 8). Marcial elogia a fidelidade à memória de entes queridos, exemplificada pelos esforços, também públicos, de Mélior em relação ao amigo Bleso (8, 38):

Quem oferece, com pertinaz afecto,
os bens da sua prodigalidade a alguém que os apreciará,
talvez ande à caça de heranças ou torne a pedir algo em troca.
Mas se alguém persiste em honrar
um nome que resistiu à morte e à sepultura,
que procura senão aliviar a sua dor [*parcius dolere*]?
Conta a diferença entre o ser bom e querer parecê-lo.
Tu dás o exemplo, Mélior, é certo e sabido,
tu que, nas exéquias, pesaroso, o nome
do defunto Bleso não deixas extinguir-se:
de generosa arca dás abundantes fundos
para a celebração do dia do seu nascimento,
à corporação dos escribas fiéis à sua memória,
e crias tu próprio a fundação de Bleso.
Este tributo, muito tempo o darás, enquanto viveres;
este continuará a ser, mesmo depois das cinzas, o teu tributo.

De facto, os epigramas fúnebres de Marcial evidenciam a relação indissociável entre a recordação dos mortos e o consolo dos vivos. Entre as várias estratégias ou *monimenta doloris* para lidar com a ferida – *uulnus* – causada nos que cá ficaram, e *parcius dolere*, destaca-se, desde logo, o cuidado posto na construção do túmulo onde as cinzas repousam e através do qual o nome do morto permanece na memória²⁰. O mármore, de Paros ou de outra origem, é várias vezes apontado como símbolo de máximo luxo, e por isso de grande afecto (v.g. 1, 88, 3 e 10, 63, 1).

Os *monimenta doloris* podiam também ser mais modestos, mas talvez mais próximos – da escrita de uma *Consolatio*, a pequenos detalhes relacionados com a memória diária dos entes queridos. Por várias vezes Marcial refere objectos, como retratos, pintados ou esculpidos, que são usados como forma de lembrar e homenagear um familiar ou amigo morto²¹. É o que sucede com a imagem de Marco António Primo (10,32), que o poeta ornamenta com flores²², e nos traz à memória a biografia de Suetónio sobre o imperador Augusto²³.

²⁰ A este propósito, vejam-se os esforços de Cícero para atenuar a insuportável dor pela perda da filha (Hope, 2017, pp. 57-59). Já foi aqui mencionado o projecto de um monumento com grande exposição pública (n. 8).

²¹ O gosto por retratar entes queridos incluía os animais de estimação, como a cadelinha Issa (1, 109). Os romanos também sepultavam os seus bichos preferidos, como informa o epigrama 7, 87 sobre o rouxinol de Telesila (v. 8).

²² “Esta pintura que enfeito com violetas e rosas,/ perguntas, Cediciano, que semblante reproduz?/ Assim era Marco António Primo no auge/ da vida: nesta face o velho revê a sua juventude./ Oxalá a arte pudesse reproduzir o seu carácter e a sua alma!/ Não haveria, no mundo, quadro algum mais belo.”

²³ Segundo a *Vita Caligulae* (7), o velho imperador tinha no seu quarto uma efígie de um pequeno bisneto, filho de Germânico e Agripina, falecido na infância, e beijava-a sempre que aí entrava.

A importância da imagem ganha relevo quando o ente querido faleceu longe, não havendo acesso às exéquias, e por vezes nem sequer às cinzas. O caso de Camónio Rufo, morto na longínqua Capadócia, longe do pai – a mãe nunca é citada –, com cerca de vinte anos, no início de uma carreira promissora, é particularmente sintomático. Marcial parece estimá-lo muito²⁴: menciona várias vezes o facto de ser apreciador dos epigramas, e dedica-lhe três depois da morte. O primeiro, no livro sexto (6,85), mostra o poeta a dirigir-se ao jovem, partindo da importância que ele dava aos seus epigramas, para valorizar a oferta de um poema fúnebre. Além da usual menção às invejosas Parcas, e dos lamentos pela *iniusta mors*, Marcial incita a terra natal de Camónio a prestar-lhe as homenagens devidas, preservando a memória das suas muitas qualidades. É também sublinhada a importância dos rituais fúnebres: em paralelo com a triste situação do pai, privado do filho e da assistência aos seus últimos momentos e exéquias, o poeta apela ao jovem para que aceite estes versos – qual incenso, *absentis tura* – como substituto dos rituais presenciais de um amigo.

Eis que sem ti, Camónio Rufo, o sexto livro é editado,
e já não espera, meu amigo, ter-te por leitor.
A nefanda terra dos Capadócijs, sob génio funesto
por ti visitada, devolve a teu pai as cinzas e os ossos.
Derrama lágrimas Bonónia privada do teu Rufo,
e que ressoe o pranto por toda a Emília.
Ai quanta piedade a sua! Ai como morreu, com tão pouca idade!
Vira os prémios do Alfeu pela quinta vez há pouco.
Tu costumavas de cor desfiar os meus gracejos.
Tu, Rufo, costumavas reter minhas piadas por inteiro.
Aceita com triste pranto o breve canto de um amigo
e toma-o qual incenso deste que está ausente.²⁵

Em dois epigramas do nono livro, o poeta fala sobre o retrato de Camónio, certamente inspirado pela sua contemplação alguns anos depois da morte do jovem. O primeiro (9, 74), com apenas dois dísticos e a concisão lapidária típica do género e do poeta, descreve a inesperada representação de Camónio, expondo no último verso a dolorosa causa:

²⁴ Marcial parece sincero, mas, como salienta J. L. Brandão (2004, p. 37), é sempre possível que, subjacente à amizade, esteja também algum interesse relacionado com a sua vida de cliente, em que o sumo patrono era o tirânico Domiciano. Esta dependência dos ricos e poderosos enquadra e relativiza o pejorativo rótulo de “adulador” que normalmente é associado ao poeta (Pimentel, 2012, pp. 121 sgs.).

²⁵ *Editur en sextus sine te mihi, Rufe Camoni, / nec te lectorem sperat, amice, liber: / impia Cappadocum tellus et numine laeua / uisa tibi cineres reddit et ossa patri. / Funde tuo lacrimas orbata Bononia Rufo, / et resonet tota planctus in Aemilia: / heu qualis pietas, heu quam breuis occidit aetas! / uiderat Alphei praemia quinta modo. / Pectore tu memori nostros euoluere lusus, / tu solitus totos, Rufe, tenere iocos, / accipe cum fletu maesti breue carmen amici / atque haec absentis tura fuisse puta.*

O retrato de Camónio, em menino, se conserva na pintura
e da criança subsiste a delicada figura.
Não mandou representar o rosto na flor da idade
o devoto pai que teme ver uma boca muda.²⁶

No segundo deles (9, 76), também centrado na contemplação do retrato – como mostram os demonstrativos *haec sunt illa ... ora* –, Marcial alonga-se em comentários saudosos sobre a breve vida do seu querido Camónio – *mei Camoni* –, que o poeta de algum modo acompanhara. Depois de reiterar as habituais referências à *invidia* das Parcas e de lembrar que o desafortunado pai só pudera receber as cinzas do filho, Marcial aproveita o último dístico para enfatizar o papel dos seus versos como esclarecedores e preservadores da memória do jovem: apesar de restar dele um retrato como criança pequena – consequência pungente da profundíssima dor do pai, incapaz de suportar a mudez (*ora muta*) de um jovem, como indicara o epigrama 9, 74 –, os seus poemas deixariam o seu rosto de jovem de vinte anos para a posteridade.

Esta que vês é a face do meu querido Camónio,
foi este o aspecto e os primeiros traços de menino.
Crescera este rosto, mais forte, duas dezenas de anos,
e a barba se comprazia agora de tingir as suas faces,
e, dedicada uma só vez, purpurou há pouco as navalhas
enquanto a afloravam. Uma das três irmãs o invejou
e à apressada trama tratou de cortar os fios,
e as cinzas da pira ausente restituiu a urna ao pai.
Mas para que não só a pintura nos fale do menino,
esta imagem maior ficará nos meus escritos.²⁷

Viuus per ora uirum

Mais do que eventualmente infiéis ao modelo, as pinturas são objectos frágeis e perecíveis, e mesmo os túmulos acabam destruídos pelo “dilúvio” do tempo. Como Marcial assinala, em dois epigramas próximos (11, 48 e 50), nem o grande Virgílio escapava aos danos dos elementos e à perda de memória colectiva ocasionada pelo passar do tempo. A inacreditável decadência do seu monumento funerário foi obviada pelo senador e poeta Sílio Itálico, depois de comprar o respectivo terreno, como já tinha feito com o seu adorado Cícero:

Sílio presta homenagem a este monumento do grande Marão,
ele que os campos do facundo Cícero possui.

²⁶ *Effigiem tantum pueri pictura Camoni/ seruat et infantis parua figura manet. /florentes nulla signauit imagine uoltus,/ dum timet ora pius muta uidere pater.*

²⁷ *Haec sunt illa mei quae cemitis ora Camoni,/ haec pueri facies primaque forma fuit. /creuerat hic uultus bis denis fortior annis /gaudebatque suas pingere barba genas, /et libata semel summos modo purpura cultros /sparserat. Inuidit de tribus una soror /et festinatis incidit stamina pensis /apsentemque patri retulit urna rogum. /Sed ne sola tamen puerum pictura loquatur, /haec erit in chartis maior imago meis.*

Outro herdeiro e senhor do seu túmulo e do seu lar
nem Marão nem Cícero haveriam de preferir.²⁸

As cinzas já quase abandonadas e o sagrado nome de
Marão uma só pessoa havia que os honrava, e era pobre.
Sílio decidiu vir em socorro daquela sombra amada:
honra assim o poeta um poeta não menos inspirado.²⁹

Mas, depois da morte de Sílio, quem protegeria os túmulos desses grandes
homens? Na verdade, assim como os versos esclarecem o que as imagens escondem,
também a homenagem mais duradoura é proporcionada pelos versos dos
poetas, como já Cícero, nas *Tusculanas* (1, 15, 34), afirmara, usando a autoridade
“aliterativa” de Énio em relação a si próprio:

*Nemo me lacrumis decoret neque funera fletu
faxit. Cur? volito vivus per ora virum.*

Que ninguém me honre com lágrimas nem celebre os meus ritos fúnebres com choro.
Porquê? Eu voo, vivo, pela boca dos homens.

Como famosamente salienta, cheio de esperança, Horácio, esta protecção
contra a *imber edax* e o *Aquilo inpotens* (3, 30, 3), mas sobretudo contra a falta de
memória das gentes, fará renascer no futuro o poeta e os seus temas, sempre que
os seus versos forem lembrados (3, 30, 6-9):

*Non omnis moriar multaque pars mei
uitabit Libitinam; usque ego postera
crescam laude recens, dum Capitolium
scandet cum tacita uirgine pontifex.*

Este *topos*, sugerido por Marcial a propósito do retrato de Camónio, como já
se viu, – *haec erit in chartis maior imago meis* (9, 76, 10) –, está presente em vários
dos seus epigramas, que reiteram que a forma mais segura de obter imortalidade
é através da memória construída pelo próprio poeta. Assim, na conclusão do 10,
26, a propósito do centurião Varo, desaparecido, também ele, longe de Roma e
dos seus amigos – *datur aeterno uicturum carmine nomen*:

Varo, há pouco conhecido por teu lácio ramo de vide nas cidades
Paretónias e chefe memorando para teus cem soldadso,
Eis que, prometido em vão ao ausónio Quirino,
Agora jazes, sombra estrangeira, em lageia plaga,
Não pude banhar de lágrimas a tua regelada face,
Nem espesso incenso ajuntar à triste pira,

²⁸ (11, 48) *Silius haec magni celebrat monumenta Maronis, /iugera facundi qui Ciceronis habet. /Heredem dominumque sui tumuliue larisue /non alium mallet nec Maro nec Cicero.*

²⁹ (11, 50) *Iam prope desertos cineres et sancta Maronis / nomina qui coleret pauper et unus erat. /Silius optatae succurrere censuit umbrae, /et uates uatem non minor ipse colit.*

Mas meu imortal poema dá-te um nome eterno.
Acaso, Nilo enganador, até esta homenagem me podes recusar?³⁰

Uma Arca para a *umbra* através dos *cineres: per faciles buxos*

Contudo, não satisfeito e decerto ciente de que nem todos dispunham de versos imortalizadores – e que mesmo estes podiam desaparecer... –, Marcial sugere uma segunda salvaguarda da alma e da memória, consoladora sobretudo para figuras humildes como o jovem escravo Álcimo: uma fusão com a natureza, através das plantas nascidas junto ao sepulcro, símbolos do perpétuo retorno – *per faciles buxos* (1, 88, 5). Assim, parece evocar as numerosas transformações em plantas – como o jacinto, a mirra, o cipreste ou o loureiro –, de humanos que os deuses pretendiam manter de algum modo vivos – *in noua corpora mutatas formas*, parafraseando Ovídio (*Met.*, 1, 1-2), que explorou a metamorfose, uma das temáticas fundamentais da mitologia grega.

Esta ideia é já sugerida num dos epigramas dedicados a Antula (1,114, 1-3):

Estes jardins de ti vizinhos, Faustino,
Fénio Telésforo os possui, o breve campo e os húmidos prados.
Sepultou aqui as cinzas da sua filha e imortalizou o nome³¹.

E é completamente desenvolvida no poema dedicado ao jovem Álcimo (1, 88), constituindo a explanação da filosofia sobre a “vida” depois da morte que regia o poeta – *Non aliter cineres mando iacere meos*:

Álcimo, que, arrebatado ao seu senhor no florir dos anos
a terra labicana cobre com suave relva,
aceita, não a vacilante massa de mármore de Paros,
que um vão afã oferece, destinada a ruir, à tua cinza,
mas os flexíveis buxos e as espessas sombras das videiras
e as ervas que reverdecem orvalhadas pelas minhas lágrimas.
Aceita, caro rapaz, o testemunho da minha dor:
esta homenagem viverá para ti, pelo tempo sem fim.
Quando Láquesis tiver acabado de fiar os meus derradeiros anos,
não de outro modo recomendo que possam repousar minhas cinzas.³²

³⁰ *Vare, Paraetonias Latia modo uite per urbes/ Nobilis et centum dux memorande uiris./ At nunc Ausonio frustra promisse Quirino/ Hospita Lagei litoris umbra iaces./ Spargere non licuit frigentia fletibus ora,/ Pingua nec maestis addere tura rogis. /Sed datur aeterno uicturum carmine nomen: /Numquid et hoc, fallax Nile, negare potes?*

³¹ *Hos tibi uicinos, Faustine, Telesphorus hortos/ Faenius et breue rus udaeque prata tenet. /Condidit hic natae cineres nomenque sacrauit.* Também a propósito de Erócion (5, 34, 9), Marcial destaca a vegetação e a terra que cobrem os frágeis ossos.

³² *Alcime, quem raptum domino crescentibus annis/ Labicana leui caespite uelat humus./ Accipe non Pario nutantia pondera saxo,/ Quae cineri uanus dat ruitura labor,/ Sed faciles buxos et opacas palmitis umbras/ Quaeque uirent lacrimis roscida prata meis/ Hic tibi perpetuo tempore uiuet honor./ Cum mihi supremos Lachesis perneuerit annos,/ Non aliter cineres mando iacere meos.*

Referências bibliográficas

- Behec, C. (2013). *La vie surnaturelle dans le monde gréco-romain*. Presses Universitaires de Rennes.
- Brandão, J. L. (2004). Amor e Morte em Marcial. In C. Pimentel, J. L. Brandão & D. Leão (Coords.), *Toto notus in orbe Martialis: Celebração de Marcial 1900 após a sua morte* (pp. 33-48). Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Green, M. (2000). *The Meaning of Salvation*. Vancouver: Regent College Publishing.
- Henriksen, Ch. (2012). *A Commentary on Martial, Epigrams, Book 9*. Oxford: Oxford University Press.
- Hope, V. (2017). Living without the dead: finding solace in ancient Rome. In F. S. Tappenden & C. Daniel-Hughes (Eds.), *Coming Back to Life: The Permeability of Past and Present, Mortality and Immortality, Death and Life in the Ancient Mediterranean* (pp. 33-48). Montreal, Quebec: McGill Scholarly Publishing. Acedido em <http://oro.open.ac.uk/49330/>.
- Marcial (2000-2004). *Epigramas*. Trad. Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão & Paulo Sérgio Ferreira, introd. e notas de Cristina de Sousa Pimentel, 4 vols. Lisboa: Edições70.
- Ovídio (2014). *Metamorfoses*. Introd. e trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia.
- Pimentel, C. (2012). A Roma dos Flávios: gente e sentimentos nos Epigramas de Marcial. In C. Pimentel, J. L. Brandão & P. Fedeli (Coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (pp. 121-133). Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodríguez, J. R. (2016). Aspectos legais do mundo funerário romano. In L. M. Omena & P. P. A. Funari (Orgs.), *Práticas funerárias no mediterrâneo romano* (pp. 25-46). Jundiaí: Paco Editorial.

Resumo

Célebres pelo retrato satírico da Roma flaviana, os *Epigramas* de Marcial evidenciam também a dolorosa e trágica fragilidade dos seres humanos. *Inbellis praeda* (13, 94, 2) à mercê da feroz injustiça social, de acidentes, crimes e doenças, a humanidade é ainda alvo da *invidia* dos deuses, personificada pela *iniqua* Láquesis (10, 53, 3), que alcança até os filhos dos imortais (9,86, 4 e 6). A inexorabilidade da morte e a obliteração quer da presença física do indivíduo, quer da sua memória entre os vivos, eram temas candentes nesses tempos instáveis e violentos, resultando na proliferação de cultos místéricos que prometiam a salvação. As perspectivas sobre o Além e a imortalidade da alma eram variadas, mesclando tradições religiosas populares com elaborações literárias, informadas por escolas filosóficas antitéticas, como ocorre com Virgílio, Cícero e Séneca – autores mencionados com admiração por Marcial –, Lucrecio ou Plínio, o Velho. O poeta de BÍlbilis acredita num Além tradicional: ainda que inclua *Elysias domos* (1, 94, 2), predomina o pavor das *nigras umbras* e do medonho Cérbero (5, 34, 3). Recordar os mortos e mitigar o *uulnus* dos vivos, ferida mais dolorosa nas mortes de jovens, eram imperativos cumpridos através de diversos *monimenta doloris*. Certo do efeito destruidor do “dilúvio” do tempo não apenas sobre objectos frágeis como as pinturas, mas até sobre monumentos de pedra, Marcial sublinha repetidamente o papel imortalizador dos seus versos, como já Ênio fizera com o seu *uiuus per ora uirum*; mas sugere uma segunda “Arca” da alma e da memória, consoladora sobretudo para figuras humildes como o jovem escravo Alcimo: uma fusão com a natureza, através das plantas nascidas junto ao sepulcro, símbolos do perpétuo retorno – *per faciles buxos* (1,88, 5). Assim, parece evocar as numerosas metamorfoses em plantas, como o jacinto ou o cipreste, de humanos que os deuses pretendiam manter de algum modo vivos.

Abstract

Famous for the satirical portrayal of Flavian Rome, Martial's Epigrams also reveal the painful and tragic fragility of human beings. *Inbellis praeda* (13, 94, 2) at the mercy of ferocious social injustice, accidents, crimes and diseases, mankind is still the object of the *invidia* of the gods, personified by the *iniqua* Lachesis (10,53, 3), who reaches even the sons of the immortals (9,

86, 4 and 6). The inexorability of death and the obliteration of both the physical presence of the individual and his memory among the living was a hot topic in these unstable and violent times, resulting in the proliferation of mystery cults promising salvation. The perspectives on the Beyond and the immortality of the soul were varied, mixing popular religious traditions with literary elaborations, informed by antithetical philosophical schools, as with Virgil, Cicero, and Seneca – authors alluded to by Martial with admiration –, Lucretius or Pliny the Elder. The poet of Bilbilis believes in a traditional Beyond: even though it includes *Elysias domos* (1, 94, 2), the dread of the *nigras umbras* and the hideous Cerberus predominates (5, 34, 3). Remembering the dead and mitigating the *uulnus* of the living, more painful in the deaths of young children, were imperatives fulfilled through several *monimenta doloris*. Certain of the destructive effect of the “deluge” of time, not only on fragile objects such as paintings, but even on stone monuments, Martial repeatedly emphasizes the immortality of his verses, as Ennius had already done with his *uiuus per ora uirum*; but suggests a second “Ark” of the soul and memory, consoling especially for humble figures like the young slave: a fusion with nature, through the plants born near the grave, symbols of the perpetual return – *per faciles buxos* (1,88, 5). Thus, he seems to evoke the numerous metamorphoses in plants, such as the hyacinth or the cypress, of humans that the gods intended to maintain in some way alive.